

Emanuel J. Santos\*

Universidade Federal de Mato Grosso / Universidade de Coimbra

## A repetição como angústia: uma análise do “Poema Quarentena”, de Diogo Marques

**Resumo:** O presente artigo visa refletir sobre o uso da repetição como um marcador temático da angústia na obra de Diogo Marques. A partir do “Poema Quarentena” (2020), observaremos a dupla repetição na obra do autor: além da repetição de termos no texto, há a repetição temática – posto que há marcas no “Poema Quarentena” que dialogam com o poema “Suspensão” (2020) e o poema “RE\VERSO: e-poema elegíaco” (2020), apontando que as variações sobre o mesmo tema reforçam que a experiência angustiante da epidemia de COVID-19 refletiu-se na produção artística do autor.

**Palavras-chave:** Literatura eletrônica, poesia combinatória, angústia, repetição

**Abstract:** This article aims to reflect on the use of repetition as a thematic marker of anguish in the work of Diogo Marques. Taking as a starting point the poem “Poema Quarentena” (2020), we will analyze a double repetition in the author’s work: in addition to the repetition of terms in the text, there is a thematic repetition – since there are marks in “Poema Quarentena” that dialogues with the poem “Suspensão” (2020) and the poem “RE\VERSO: e-poema elegíaco” (2020), which allow us to argue that the variations on the same theme point to the harrowing experience of the COVID-19 epidemic as reflected in the author’s artistic production.

**Keywords:** Electronic literature, combinatorial poetry, anguish, repetition

Entre 23 e 25 de novembro de 2022, a Universidade do Porto foi a anfitriã do colóquio internacional *Poesia Expandida: Poéticas e Políticas da Repetição*, em cuja chamada de trabalhos podemos ler:

**A história da poesia é uma história da repetição.** A repetição sempre esteve presente na poesia, não só através dos mecanismos repetitivos da própria linguagem, mas também por meio da métrica, rima, estrutura, aliterações, anáforas, paralelismos, entre outros tipos de repetição de natureza estrutural, fonética, retórica ou lexical. Por outro lado, a repetição revela-se também fundamental para entender os períodos e movimentos literários e as

relações que estes estabelecem entre si. [...] (Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa 2022: s.p., grifo no original)

Pensar a repetição como um fenômeno estilístico, revisional e temático nos levou a observar que, também por uma perspectiva comparativa, podemos observar, na obra de um mesmo autor, a repetição como reforço de um determinado sentimento ou proposta, ou mesmo de resposta a um determinado cenário, como foi o caso da pandemia de COVID-19.

O “Poema Quarentena” foi escrito por Diogo Marques, criador experimental e co-fundador do colectivo de artistas wr3ad1ng-d1g1t5 [wreading-digits.com], e publicado inicialmente no *Projeto Arte em Quarentena*, projeto este que conta com 911 trabalhos, de 351 autores, oriundos de 57 países. Tal proposta visou, durante os primeiros quarenta dias da quarentena,

[...] espoletar um outro tipo de cadeia de transmissão, destinada à troca, reflexão e criação artística sobre um momento crítico de saúde pública à escala global, com visível impacto cultural, social e económico para todos/as. Neste momento de necessária contenção, acreditamos, porém, que parar não implica deixar de criar, por exemplo, estabelecendo potenciais pontes entre arte e saúde. (wr3ad1ng d1g1t5 2020: s.p.)

Observa-se que o “Poema Quarentena” explora elementos que o autor já havia utilizado em um poema anterior, “Suspensão”, e retoma tais elementos posteriormente no poema eletrônico “RE\VERSO: e-poema elegíaco” (wr3ad1ng d1g1t5/Daniela Reis 2020).<sup>1</sup>

A motivação do presente artigo partiu da análise do e-poema “RE\VERSO”, no âmbito da pesquisa “Literatura e tarô no meio virtual: uma análise da inter-relação entre as interfaces” (PDSE 2022-2023). Supondo a relação genética entre “RE\VERSO” e o “Poema Quarentena”, observamos os efeitos de repetição em um e outro, e entendemos que, no trânsito do aspecto linear do “Poema Quarentena” para a posterior dissolução em versos em “RE\VERSO”, os versos passando a constituir os títulos das cartas em uma estrutura plurissemiótica que rememora o próprio jogo de cartas, é possível perceber que os efeitos de leitura do “Poema Quarentena” por um lado desenvolvem a proposta angustiante do poema “Suspensão”, e por outro se diluem em uma forma composicional diferente, pelo desmembramento dos versos em unidades combinadas com imagem e número emolduradas como uma carta de Tarô,<sup>2</sup> cuja repetição depende do ato de leitura. O “mesmo” (?) texto, “repetido” (?) em outro contexto, suporte e proposta, ganha vieses de devir – não o devir próprio do fazer oracular, em que o indivíduo busca esclarecimento, orientação, direcionamento, adivinhação; o devir, neste ponto, é um efeito centrípeto em direção à incerteza de que os quarenta dias iniciais da quarentena eventualmente poderiam ter sido suficientes – entretanto, não o foram. É um giro nauseante em direção

ao foco da quarentena: o não-saber do que se proteger. A repetição aponta a presença constante do tema para o autor. É, essencialmente, angústia.

### **O contexto de produção do(s) poema(s): a pandemia de COVID-19**

Quando pensamos no fazer poético, recuperamos os gêneros do discurso conforme Bakhtin (2016) ao entender que a repetição ocorre quanto às temáticas abordadas, quanto às contingências e constrangimentos da forma e eventualmente quanto ao estilo – enquanto os poetas exploram suas potencialidades formais e temáticas em função de seus próprios estilos, aqui entendidos como formas pelas quais interpretam o mundo – tema maior estilizado e caleidoscopicado em suas referências. Um evento da magnitude e duração da pandemia de COVID-19 não passaria incólume às mais diversas manifestações artísticas, atentas às circunstâncias locais a que seus autores estiveram vinculados. Entendemos, portanto, que a natureza temática do evento propiciou o desenvolvimento do poema, em função do cenário em que o autor estava inserido: Em Portugal, por ocasião do primeiro isolamento,

As escolas fecharam, as pessoas ficaram presas em casa e os que estavam presos foram soltos, empresas faliram, morreram pessoas, na rua anda-se de máscara e já ninguém se beija ou abraça. Tudo em três meses, tudo devido à pandemia de COVID -19. Os primeiros casos do novo coronavírus foram anunciados no fim do ano, na China, e mais de dois meses para Portugal anunciar os primeiros infetados. (Diário de Notícias 2020: s.p.)

A pandemia durou, conforme a OMS, de 11 de março de 2020 a 5 de maio de 2023. Neste ínterim, a incerteza, as informações entrecruzadas, entrecortadas, incluindo-se neste escopo as *fake news*, o número de mortes, as dúvidas quanto à eficácia das vacinas, tudo isso permeado pelo isolamento físico e a presença constante nas redes digitais, propiciou uma angústia em níveis geracionais, com maior ênfase nos anos de 2020 e 2021. Paralelamente ao excesso de informações, a pandemia também desenvolveu um não saber vinculado ao invisível – este que é a matéria prima de sonhos e a sela dos pesadelos. As informações veiculadas, eventualmente em tempo real, não eram suficientes para tranquilizar os cidadãos em relação ao futuro, mas sim serviam de inspiração para uma angústia incessante sobre o devir.

### **A construção da angústia: (re)construção e repetição em “Poema Quarentena”**

Conforme definição dicionarizada, “angústia” corresponde a “grande aflição acompanhada de opressão e tristeza” (Ferreira 2010: s.p.). É importante pensar que, ao verificarmos a angústia como uma referência para a interpretação do poema, sobretudo por seu conteúdo psicológico, precisamos recuperar como o conceito é visto nesta área do saber.<sup>3</sup> Em estudo sobre a angústia segundo os postulados de Freud, Lara Cristina d’Avila Lourenço (2004) aponta algumas questões importantes para nossa análise:

Na Conferência XX\1, Freud (1917 /1980) supõe a existência de dois tipos de angústia: angústia neurótica e angústia realística. A primeira continua a tese de que a angústia é resultado da transformação da libido sob recalque. A segunda é considerada a reação original diante de perigos externos. Não obstante, seja na angústia neurótica, seja na angústia realística, Freud constata sempre a expectativa de um perigo (seja ele interno, no caso da angústia neurótica, seja externo, no caso da angústia realística). (Lourenço 2004: 33)

Conforme a autora, partindo do fato que a angústia, como estado afetivo, “[...] caracteriza a expectativa de um perigo” (*ibidem*), percebe-se que

[...] toda angústia é realística uma vez que indica o desamparo do sujeito. O aspecto neurótico da angústia é secundário. E ele acontece se esse desamparo não é considerado e enfrentado de acordo com as possibilidades reais do Eu e da situação de perigo. (*idem*: 43)

Tendo por referência as questões propostas, tal premissa afetiva está presente na leitura do poema. Consideramos a angústia, motivação de análise do poema, como um estado de espírito inquieto, causado por expectativas amparadas em fatores externos (em primeira instância) ou internos que causam mal-estar e tensão, expectativa e temor diante de um perigo ilusório ou real, tais como os causados pela quarentena.

Observemos o “Poema Quarentena” (Marques 2020b):

PENSAR É PARAR A DOR  
 A DOR É PENSAR PARAR  
 PARAR É PENSAR A DOR  
 PENSAR A DOR É PARAR  
 PARAR A DOR É PENSAR  
 A DOR É PARAR O MEDO  
 O MEDO É PENSAR A DOR  
 O MEDO É PENSAR PARAR  
 PARAR É PENSAR O MEDO  
 PENSAR O MEDO É PARAR  
 A DOR DE PENSAR O MEDO  
 MEDO DE PENSAR A DOR  
 PARAR O MEDO DA DOR  
 MEDO DE PARAR A DOR  
 PENSAR O MEDO DA DOR  
 PARAR A DOR DO VAZIO  
 PENSAR PARAR O VAZIO  
 PARAR DE PENSAR O MEDO  
 MEDO DA DOR DO VAZIO

PARAR O MEDO E PENSAR  
 PARAR É PENSAR O FIM  
 PENSAR O MEDO DO FIM  
 MEDO DE PARAR O FIM  
 A DOR DE PENSAR O FIM  
 A DOR DO FIM DE PENSAR  
 O FIM DE PENSAR A DOR  
 O FIM DE PARAR A DOR  
 MEDO DO FIM DE PARAR  
 PENSAR O FIM DO VAZIO  
 MEDO DA DOR DO VAZIO  
 PENSAR E SALTAR A DOR  
 A DOR DE PENSAR SALTAR  
 SALTAR E PARAR A DOR  
 PARAR A DOR E SALTAR  
 SALTAR A DOR E PENSAR  
 A DOR É SALTAR O MEDO  
 MEDO DE SALTAR A DOR  
 MEDO É PENSAR SALTAR  
 PENSAR É SALTAR O MEDO  
 SALTAR O MEDO É PARAR

Há uma forte relação genética entre o “Poema Quarentena” e o poema “Suspensão”, do mesmo autor (Marques 2020a), ponto observável pelas escolhas sintáticas e estrutura textual:

1. Pensar é parar a dor.

ou

2. Parar é pensar a dor.

ou

3. A dor. É pensar. Parar.

ou

4. Pensar é parar o medo.

ou

5. Parar é pensar o medo.

ou

6. O medo. É parar. Pensar.

ou

7. A dor do medo de pensar.

ou

Percebe-se uma relação temática e composicional entre os poemas “Suspensão”, “Poema Quarentena” e “RE\VERSO: e-poema elegíaco”. A repetição, não apenas como estrutura do(s) poema(s), mas como reiteração do tema pelo autor, neste caso, sugere revisão, como um olhar outro sobre a escolha e quantidade dos versos e a estrutura que os une, sobre a melhor forma, embora não única, de se recuperar a temática e obter o efeito estético não só de repetição, como de angústia. Em “Suspensão”, percebe-se que a economia dos versos permite, ainda, a sensação de vertigem e circularidade que sentimos no “Poema Quarentena”, pelo uso da conjunção *ou*. Mais que elemento de conexão entre os versos, o elemento *ou* deixa o poema em aberto, do qual podemos inferir que o último *ou* nos lança no abismo, ou nos lança no (re) começo, ou em ambos, em um labirinto de inferências que espirala a leitura em um *looping* potencialmente infinito.

Ao retomar o poema em outra configuração, Diogo Marques traz-nos um uso duplo do termo “quarentena”: Conforme a definição dicionarizada (Ferreira 2010), uma quarentena é um período entre o mensurável e o incomensurável. Se, por um lado, corresponde ao período de quarenta dias ou o conjunto de quarenta coisas, como a quaresma cristã, possui um sentido pragmático quando realizado por motivo de força maior: na Antiguidade, era utilizado como período de cerca de quarenta dias que deviam passar num lugar isolado pessoas, animais ou mercadorias, provenientes de país atacado de epidemia; atualmente possui duração variável dentro do mesmo contexto de entendimento se tais pessoas que são ou poderão ser portadoras de doença infecciosa. Para além dos sentidos pragmáticos de afastamento diante do desconhecido, indica qualquer afastamento diante de um determinado cenário ou evento, incluindo a abstinência.

O número quarenta possui forte apelo bíblico, representando a espera, a preparação, a provação ou o castigo (Chevalier/Gheerbrant 2020). Durante o dilúvio, a chuva durou quarenta dias e quarenta noites (Gn 7.4, 12, 17). A duração da espionagem da terra

prometida durou 40 dias (Nm 13.25). A peregrinação do povo de Israel após sua libertação do jugo egípcio durou quarenta anos (Nm 14.34). Um dos castigos bíblicos correspondia a quarenta açoites, não mais (Dt 25.3). Moisés passou dois períodos de 40 dias na presença de Deus no monte Sinai para a obtenção das tábuas dos Dez Mandamentos (Dt 9.9-18). Jonas profetizou 40 dias para o arrependimento de Nínive (Jn 3, 4). Davi reinou por quarenta anos sobre Israel (2 Sm 5, 4), tal qual seu filho Salomão (1Rs 11, 42). Elias jejuou por quarenta dias (1Rs 19, 8), como Jesus (Mt 4, 2), e permaneceu com seus discípulos quarenta dias após sua ressurreição (At 1, 3). Em todos os sentidos apresentados, o tempo é o vetor que justifica o uso do número.

O título possui, portanto, um sentido contextual, que se aplica à arquitetura do poema. Recuperando Antonio Cândido, o poeta executa “uma operação semântica peculiar - que é arranjar as palavras de maneira que o seu significado apresente ao auditor, ou leitor, um supersignificado, próprio ao conjunto do poema, e que constitui o seu significado normal”. (Cândido 1966: 103). Ao lermos o “Poema Quarentena”, o contexto dos quarenta dias se aplica aos quarenta versos, estes decorrentes de quarenta possibilidades de repetição e combinação entre os substantivos “medo”, “dor” “vazio”, “fim” e os verbos “parar”, “pensar”, “saltar”, sob constrangimento de que os termos se não repetissem em um mesmo verso.

Os substantivos associam-se à experiência dolorosa da perspectiva remota de sobrevivência em um cenário completamente desconhecido. A repetição, neste ínterim, é reforço do processo angustiante pelo qual a humanidade passava, na ocasião, em maior ou menor grau: um avesso de mil e uma noites, com o mesmo impacto diante do incomensurável – tanto em relação ao tempo, quanto à perspectiva de vítimas. Verifiquemos, portanto, como os termos elencados pelo autor ancoram a angústia proposta pelo poema.

### **Dor, medo, vazio, fim: passos de uma angústia combinatória**

Ao poeta é necessário possuir “um senso apurado dos significados que a palavra pode ter – desdobrando-a, aproximando-a de outras, extraindo significações insuspeitadas”. (Cândido 1966: 105). No campo exploratório da poesia de natureza combinatória, são os sentidos possíveis no jogo de escriteira que permitem associarmos os termos ao contexto, (re)experienciando algo que, pelo sofrimento causado, geraria afastamento, não aproximação.

A palavra, portanto, é a unidade de trabalho do poeta e a peça que compõe o verso. Palavra como conceito, como ligação, como matiz do conceito, como unidade sonora que desperta um prazer sensorial pela sua própria articulação: durezas de guturais, explosões de labiais, suavidades de linguais. O ritmo cria a unidade sonora do verso; as palavras criam a sua unidade conceitual; a unidade sonora e a unidade conceitual formam a integridade do verso, que é a unidade do poema. (Cândido 1966: 95)

Por nosso turno, pensamos nos conceitos entrecruzados pela temática da angústia. Verifiquemos, portanto, como os termos escolhidos pelo autor dão corpo à experiência da quarentena, a partir de suas repetições.

Conforme o dicionário (Ferreira 2010),<sup>4</sup> *dor* é um incômodo, uma “sensação mais ou menos aguda”, no âmbito do corpo; quando associada aos campos emocional e/ou psicológico, tal sensação é causa de sofrimento. O sofrimento, por seu turno, representa “dor física”, “pena moral”, “paciência”. Chama-nos a atenção o sofrimento ser associado à paciência, colocando seu jugo sob a ação do tempo. Sofre-se por pensar na possibilidade de sofrer. A dor é o prólogo de si mesma. O termo aparece 25 vezes no poema.

O *medo*, conforme definição dicionarizada, é o “estado emocional resultante da consciência de perigo ou de ameaça, reais, hipotéticos ou imaginários; ausência de coragem; preocupação com determinado facto ou com determinada possibilidade”. Se, por um lado, o medo pode configurar covardia, tal juízo de valor só é possível quando comparado à presença da intrepidez; não nos é possível considerar o medo como um gesto covarde quando se está diante do desconhecido – seu antônimo, neste caso, é fanfarronice. O medo é uma ferramenta protetiva, um definidor de limites seguros, dentro do espaço conhecido. Desta forma, o medo pode ser uma prisão na qual o indivíduo se coloca por sua vontade ou por não poder exercê-la. O medo é a prerrogativa da preservação do ser dentro de limites conhecidos. O termo aparece 23 vezes.

O *vazio*, espaço que nada contém, seja por sua própria natureza, seja pelo evento de retirada do seu conteúdo, equipara-se assim com o “sentimento de ausência ou de perda”. Pensamos que os aspectos psicológicos do vazio se associam com o luto, com a retirada de algo ou alguém do convívio, pela carência de possibilidades oferecida pela época pandêmica – incluindo, entre elas, a perspectiva do que era outrora considerado “normal”. O termo aparece cinco vezes.

E por seu turno, o *fim* é o limite, a fronteira, o termo, o alvo, o remate, a conclusão, a morte – o fim de todos os viventes. O fim é desejado, ou medonho, ou temido, mas veste-lhe a capa do inexorável, dentro de uma perspectiva entrópica. O fim é a baliza do eterno, o limiar do incomensurável, do incognoscível, do transcendental. O fim é o que se alcança na busca, direcionada ou incerta, por respostas no correr do evento pandêmico. O termo aparece nove vezes.

Verificamos nestes conceitos uma forte carga psicológica, sobretudo pela ausência do objeto ou evento que causa medo e/ou dor e/ou vazio e/ou fim. Não se trata de avaliar a potência agressiva do que se teme, mas de temer a potência agressiva do desconhecido. Isto fica marcado na escolha pela repetição dos termos *medo* e *dor* muito mais vezes que *fim* e *vazio* – o medo e a dor se fazendo muito mais presentes e repetitivos no cenário que a expectativa pelo fim e o vazio que dele é decorrência. É temerário considerar, no contexto, que *fim* seria uma alegoria da morte; a angústia que o poema suscita não diz respeito aos mortos, mas aos vivos que os lamentam. O fim que se aspira e o vazio que se anseia estão ligados ao saber, ao proceder.

Por esta perspectiva, entendemos que a forma pela qual o leitor pode tocar o véu de sombra que oculta a face do que se teme é oferecida pelos verbos “parar”, “pensar” e “saltar”. Os verbos estão diretamente associados à experiência da quarentena, sobretudo em seu início, quando o poema foi composto. Conforme o dicionário, o verbo intransitivo “parar” pode ser associado, entre outros significados, a “cessar no movimento ou na ação”, “não passar além de”, “estacar”, “chegar a um termo ou fim”, “residir”, “permanecer, conservar-se”, “descansar”. *Parar* é repetido 22 vezes.

Podemos dizer, grosso modo, que o mundo parou durante a pandemia. Mas, ao observarmos mais detidamente o processo, percebemos que uma tensão se instaurou nos diversos setores da sociedade, em que era necessário decidir quem poderia parar e quem não poderia, quem representaria um serviço essencial, quem estava impossibilitado de parar e quem estava, por não ser considerado essencial, forçado a parar. As tensões decorrentes desta postura outorgada estavam diretamente associadas ao medo de morrer, assim como, indiretamente, ao medo de sobreviver. Em uma sociedade marcada pelo acúmulo de capital, quem poderia, de fato, afastar-se do mundo conhecido para preservar-se do desconhecido?

Tais questionamentos associam-se ao verbo pensar, que se repete 26 vezes. Como verbo intransitivo, seus significados giram em torno de “formar ideias”, “refletir”, “raciocinar”, “tencionar”. Em muitos aspectos, a ação de pensar se opõe à perspectiva da ação de fato, seja por preceder a ação, como um ato de reflexão e estratégia, seja sufocando a ação efetiva nas possibilidades pensadas.

A solução do enigma angustiante proposto pelas circunstâncias reside no verbo *saltar*, este repetido 10 vezes. Saltar é transpor, por meio do salto, um movimento intenso que demanda agir com todo o corpo, desprendendo-se impetuosamente do chão, de um lugar para o outro, do palmilhado para o que se deseja palmilhar. Saltar se apresenta como o gesto, como o ato mais efetivo de transpor os limites impostos pelo cenário, ainda que seus efeitos sejam temerários – retornamos ao começo do poema, é necessário pensar, é necessário parar.

A tudo isso é dado sentido pelo verbo transitivo direto “ser”, que ocorre 15 vezes. A relação de equivalência criada entre o objeto direto e o verbo cria a tensão do poema, na medida em que a circularidade e a repetição dos termos reproduzem a angústia gerada pelo seguimento dos dias de incerteza. Retomamos Antonio Cândido: “Muitas vezes, o elemento simbólico não está na especificidade das palavras, ou na sequência de imagens, mas no efeito final do poema tomado em bloco. E em tudo observamos a capacidade peculiar de sentir e manipular palavras”. (Cândido 1966: 105).

### Considerações finais

Num movimento de revisão, de repetição das palavras em outros contextos, de relocação dos conceitos em outros versos, Diogo Marques explorou, em “Suspensão” e “Poema Quarentena” elementos que são atravessados pela lógica da angústia, aplicados

posteriormente no poema “RE\VERSO”, que será analisado em momento oportuno em suas peculiaridades genéticas com os poemas anteriores do autor. Ao ler o “Poema Quarentena”, ao reiteradamente encontrar as mesmas palavras em outras ordenações, o leitor também é tomado pela angústia, posto que o poema é potencialmente infinito. Infinito, inclusive, como a perspectiva da quarentena, quando da feitura do poema. Assim, reconhecemos que os elementos estéticos do poema servem como reforço de uma temática subjacente – a própria pandemia – ainda que sob um filtro específico – a angústia causada pelo não-saber que a (des)norteou na mídia, nas experiências pessoais, na política, sendo a arte a válvula de escape para tais premissas.

## NOTAS

\* Emanuel J. Santos é doutorando em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Mato Grosso, tendo cumprido seu doutorado sanduíche (PDSE 2022-2023) na Universidade de Coimbra. Mestre em Letras (UNINCOR), graduado em Letras (Português/Inglês e suas respectivas Literaturas, UNIFRAN), licenciado e bacharel em História (UFOP), dedica-se ao estudo dos efeitos do jogo na Literatura, partindo da lógica oferecida pelas cartas de Tarô, em particular, e da Cartomancia em geral.

<sup>1</sup> “RE\VERSO: e-poema elegíaco” é um e-poema que, seguindo uma lógica aleatória, combina os quarenta versos do “Poema Quarentena” a 40 fragmentos pictóricos oriundos da série *Diários da Sanidade*, de Daniela Reis (2020). A série *Diários da Sanidade* é composta por 11 pinturas, produzidas durante o primeiro confinamento em Portugal, devido à pandemia de COVID-19. Conforme a artista, “nestes trabalhos, os corpos representados estão em posições performativas, capturadas em movimentos que exploram o espaço ao redor, imersos em um universo de natureza exuberante”. (Reis, 2020). Imagem, verso e numeração são então entrelaçados em uma moldura que remete àquelas presentes nas cartas de Tarô, visando, pelo gesto de virar a carta para a leitura do poema, “provocarem uma leitura autorreflexiva do(s) verso(s) e reverso(s) que caracterizam a experiência de confinamento” (wr3ad1ng d1g1ts / Daniela Reis, 2020). Por este ângulo, na perspectiva dos autores, imagem e texto “(re)velam um caminho dialógico que, embora necessariamente entrópico, é feito de contínua renovação”.

<sup>2</sup> A moldura de uma carta de Tarô é o que a identifica como tal. Composta costumeiramente por uma numeração na parte superior e uma titulação na inferior, é a partir da relação entre a imagem central e a moldura que a envolve que se interpretam os significados propostos para a Taromancia.

<sup>3</sup> Reconhecemos, no entanto, que o aprofundamento necessário para uma abordagem transdisciplinar está para além das possibilidades deste trabalho, o que não impede incursões futuras.

<sup>4</sup> As definições dicionarizadas seguintes são todas decorrentes da leitura dos verbos selecionados deste mesmo dicionário.

## BIBLIOGRAFIA

- Bakhtin, Mikhail (2016), *Os Gêneros do Discurso*, São Paulo, Editora 34.
- Cândido, Antonio (1996), *O Estudo Analítico do Poema*, São Paulo, FFLCH-USP.  
<https://moisesnascimentoblog.Oles.wordpress.com/2016/08/estudo-analitico-do-poema.pdf> (último acesso em 30/05/2023).
- Chevalier, Jean / Alain Gheerbrant (2020), *Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. ed. rev. e atual., Rio de Janeiro, José Olympio.
- Diário de notícias*. “Cronologia de uma pandemia em português. Os três meses que mudaram o país”, <https://www.dn.pt/vida-e-futuro/cronologia-de-uma-pandemia-em-portugues-os-tres-meses-que-mudaram-o-pais-12259916.html> (último acesso em 21/09/2023).
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda (2010), *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*, 8.ª ed. rev. e atual., Curitiba, Positivo. [Verbetes selecionados]
- Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (2022), *Poesia Expandida: Poéticas e Políticas da Repetição*, <https://ilcml.com/poesia-expandida-poeticas-e-politicas-da-repeticao/> (último acesso em 21/09/2023).
- Lourenço, Lara Cristina d’Avila (2004), “A função da angústia segundo Freud”, *Revista de Psicologia*, vol. 22, n.º 1, 32-44, [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/12897/1/2004\\_art\\_lcalourenco.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/12897/1/2004_art_lcalourenco.pdf) (último acesso em 31/05/2023).
- Marques, Diogo (2020a), “Suspensão”, <https://wreading-digits.com/art-in-quarantine/#images-94> (último acesso em 30/05/2023).
- (2020b), “Poema Quarentena”, <https://wreading-digits.com/art-in-quarantine/> (último acesso em 30/05/2023).
- Reis, Daniela (2020), *Diários da Sanidade*, <https://danielareis.pt/work/sanity-diaries-series/> (último acesso em 30/05/2023).
- wr3ad1ng d1g1t5 (2020), *Arte em Quarentena = Art in Quarantine*, <https://wreading-digits.com/art-in-quarantine/> (último acesso em 21/09/2023).
- wr3ad1ng d1g1ts / Daniela Reis (2020), “RE\VERSO: e-poema elegíaco”, <https://wreading-digits.com/reverso/> (último acesso em 30/05/2023).